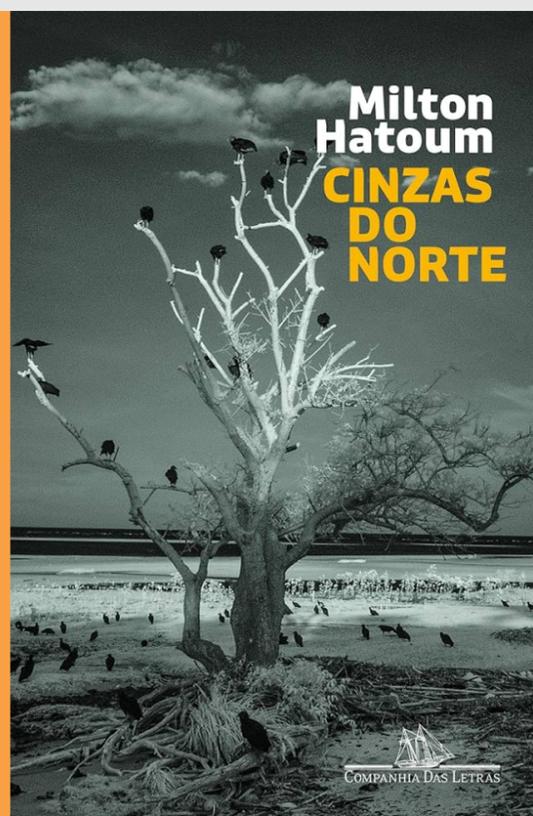
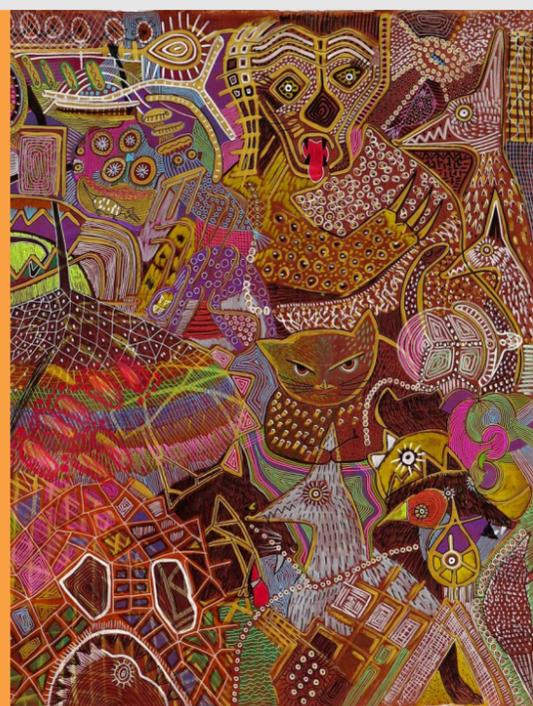


Terceiro romance a ganhar o Jabuti, edição 2006, na categoria Romance e também Livro do ano, de autoria do mais novo imortal da Academia Brasileira de Letras, o amazonense Milton Hatoum, o livro **Cinzas do Norte** é uma viagem aos anos iniciais da ditadura militar no Brasil, implantação da Zona Franca de Manaus e criação do bairro da Cidade Nova, retratados pela personagem Mundo e sua arte, e, ainda, as relações conflitantes entre cultura e progresso, regionalismo e provençalismo, estudantes e militares. Na Manaus dos anos 1950 e 1960, dois meninos travam uma amizade que atravessará toda a vida. De um lado, Olavo, de apelido Lavo, o narrador, menino órfão, criado por dois tios mal-e-mal remediados, que cresce à sombra da família Mattoso; de outro, Raimundo Mattoso, ou Mundo, filho de Alicia e do aristocrático Trajano. No centro das ambições de Trajano está a Vila Amazônia, palacete junto a Parintins, sede de uma plantação de juta e pesadelo máximo de Mundo. A fim de realizar suas inclinações artísticas, ou quem sabe para investigar suas angústias mais profundas, o jovem engalfinha-se numa luta contra o pai, a província, a moral dominante e, para culminar, os militares que tomam o poder em 1964 e dão início à vertiginosa destruição de Manaus. Nessa luta que se transforma em fuga rebelde, o rapaz amplia o universo romanesco, que alcança a Berlim e a Londres irrequietas da década de 1970, de onde manda sinais de vida para o amigo Lavo, agora advogado, mas ainda preso à cidade natal.

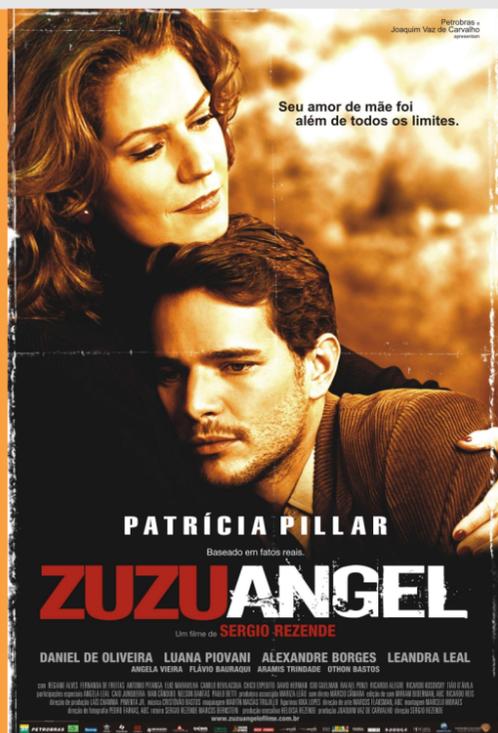


Quatro dos indígenas mais significativos da arte indígena amazônica contemporânea e que estiveram, recentemente, presentes nas últimas Bienais de Veneza – Jaider Esbell (Macuxi; Roraima, 1979 – São Paulo, 2021), Santiago Yahuarcani (Uitoto; Pucaurquillo, Peru, 1960), Rember Yahucani (Uitoto; Pebas, Peru, 1985) e Sheroanawe Hakihiiwe (Yanomami; Alto Orinoco, Venezuela, 1971) – estão mostrando alguns de seus trabalhos na exposição **Tudo entoa: sentidos compartilhados entre humanos e não-humanos**. A mostra é acompanhada de texto crítico assinado pelo curador peruano Miguel A. López. Rember Yahuarcani exhibe pinturas que traduzem narrativas míticas e exploram sonhos, respectivamente. Sheroanawe Hakihiiwe desenha sementes, frutas, insetos, galhos e folhas em papel artesanal ou tela. Santiago Yahuarcani, com suas pinturas em llanchama (casca de uma árvore amazônica), documenta saberes indígenas e ontologias amazônicas e denuncia o genocídio sofrido por seu povo, especialmente durante o ciclo da borracha, no início do século 20. Por fim, Jaider Esbell (1979-2021) busca a espiritualidade a partir de quadros com referências a plantas, seres humanos e animais. Saberes ancestrais e natureza são inspiração para os artistas que não tiveram formação acadêmica e reconfiguram o cenário da arte contemporânea. Galeria Flexa, Rua Dias Ferreira, 214, Leblon. Seg. a sex., 10h/19h. Sáb., 11h/17h. Grátis. Até 29 de novembro.



FEITIÇO PARA SALVAR A RAPOSA, OBRA DO ARTISTA INDÍGENA JAIDER ESBELL

História real de um período perverso da história brasileira, no qual direitos de cidadãos eram extirpados sem o menor pudor, o filme **Zuzu Angel**, um drama biográfico de 2006, dirigido por Sérgio Rezende e estrelado por Patrícia Pillar, Daniel de Oliveira, Camilo Bevilacqua, Luana Piovani e Leandra Leal, mostra uma parte do Brasil nos anos 1960. A ditadura militar faz o país mergulhar em um dos momentos mais cruéis de sua história. Alheia a tudo isso, Zuzu Angel (Patrícia Pillar), uma estilista de modas, fica cada vez mais famosa no Brasil e no exterior. Paralelamente, seu filho, Stuart (Daniel de Oliveira), então estudante de economia, passou a integrar as organizações clandestinas que combatiam a ditadura militar. Resumindo: as diferenças ideológicas entre mãe e filho eram profundas. Numa noite, Zuzu recebe uma ligação, dizendo que Stuart tinha sido preso pelos militares. As forças armadas negam. Pouco tempo depois ela recebe uma carta dizendo que Stuart foi torturado até a morte na aeronáutica. Então ela inicia uma batalha aparentemente simples: localizar o corpo do filho e enterrá-lo. Mas Zuzu vai se tornando uma figura cada vez mais incômoda para a ditadura. A estilista morreu em 1976, em um suposto acidente de carro no Rio de Janeiro, mas, em 2025, a certidão de óbito da estilista Zuzu Angel foi oficialmente retificada pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. O novo documento reconhece que a morte foi violenta e causada pelo Estado brasileiro, no contexto da perseguição política promovida pela ditadura militar que reinou no país de 1964 a 1985.



Você
Sabia?

Você sabia que a origem dos museus vem de espaços conhecidos como **Gabinetes de Curiosidades**? O gabinete de curiosidades é um ancestral do museu moderno que apareceu por volta do renascimento na Europa e teve um papel fundamental no desenvolvimento da ciência moderna, mesmo que não exercesse um papel propriamente científico. Não era raro se encontrar na coleção dos gabinetes sangue seco de dragão ou esqueletos de animais míticos. A popularidade do gabinete de curiosidades diminuiu durante o século XIX, uma vez que foi substituído por instituições oficiais e coleções particulares. Um gabinete de curiosidades – ou *wunderkammer* – armazenava e exibia uma grande variedade de objetos e artefatos, com uma inclinação especial para o raro, eclético e esotérico. Através desta seleção de objetos, ele contava uma história particular sobre o mundo e sua história. Os gabinetes comumente apresentavam antiguidades, objetos de história natural (como animais empalhados, insetos secos, conchas, esqueletos, herbários, fósseis) e até mesmo obras de arte. Em gabinetes de curiosidades, coleções eram muitas vezes organizadas em cerca de quatro categorias: Artificialia, que agrupava os objetos criados ou modificados por humanos (antiguidades, objetos de arte); Naturalia, que incluía criaturas e objetos naturais (com um interesse particular para monstros); Exoticas, que incluía plantas e animais exóticos e Científica, que reunia instrumentos científicos. (fonte Art/Ref – notícias em arte contemporânea).



Museu de História Natural do Imperador Ferdinando III, Nápoles, Itália, 1599.